

Revista de Comunicação Científica: RCC



ARTIGO

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA PESCA COM O TIMBÓ DO POVO BALATIPONÉ/UMUTINA

*Traditional knowledge in fishing with the timbó of the
Balatiponé / Umutina people*

*Conocimientos tradicionales en la pesca con el timbó del
pueblo Balatiponé / Umutina*

Eneida Kuponodepá
Mestranda do Programa de Pós Graduação
Stricto Sensu Mestrado Profissional em Ensino e
Contexto Indígena Intercultural - UNEMAT.
E-mail: eneypa_umutina@hotmail.com

Jussara de Araújo Gonçalves
Professora Doutora do PPGEII - Programa de
Pós Graduação Stricto Mestrado Profissional em
Ensino e Contexto Indígena Intercultural -
UNEMAT.
E-mail: jussara.quimica@unemat.br

Como citar este artigo:

KUPONODEPÁ, Eneida & GONÇALVES,
Jussara de Araújo. Conhecimentos tradicionais
na pesca com o timbó do povo
Balatiponé/Umutina In **Revista de Comunicação
Científica – RCC**, Jan./Maio, Vol. I, n. 7, pgs. 40-
49, 2021. ISSN 2525-670X.

Disponível em:
<https://periodicos.unemat.br/index.php/RCC/index>

Volume I, número 7 (2021)
ISSN 2525-670X

CONHECIMENTOS TRADICIONAIS NA PESCA COM O TIMBÓ DO POVO BALATIPONÉ/UMUTINA

Traditional knowledge in fishing with the timbó of the Balatiponé / Umutina people

Conocimientos tradicionales en la pesca con el timbó del pueblo Balatiponé / Umutina

Resumo

Este trabalho faz parte do meu projeto de pesquisa vinculado ao Programa de Pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural, e tem como objetivo contribuir com a divulgação de registro escrito sobre os conhecimentos tradicionais relacionados a essa prática, bem como algumas das mudanças que aconteceram no decorrer dos anos e como é organizado na escola Indígena Jula Pará, cujos ensinamentos buscam valorizar os conhecimentos locais e tradicionais do povo. Além disso, foca em abordar como essa pesca é praticada atualmente pelo povo Balatiponé/Umutina e, o mais importante, sob a perspectiva da realização feita por professora indígena.

Palavras-Chaves: Pesca com timbó, Prática cultural, Educação escolar Indígena.

Abstract

This article is part of my research project linked to the Post-Graduation Program in Teaching in Indigenous Intercultural Context, and aims to contribute to the dissemination of a written record on traditional knowledge related to this practice, as well as some of the changes that have happened over the years and as it is organized in the Jula Pará Indigenous school, where teachings seek to value the local and traditional knowledge of the indigenous people. In addition, it focuses on explaining how this fishing is currently practiced by the Balatiponé / Umutina ethnicity and, most importantly, from the perspective of the realization made by an indigenous teacher.

Keywords: Timbó fishing, Cultural practice, Indigenous school education.

Resumen

Este trabajo es parte de mi proyecto de investigación del PPGEICII- Maestría indígena intercultural, tiene como objetivo contribuir a la difusión de un registro escrito sobre los conocimientos tradicionales relacionados con esta práctica, algunos de los cambios que se han producido a lo largo de los años, ya que se organiza en Escuela Indígena Jula Pará, ya que siempre busca poner en valor los conocimientos locales y tradicionales de los pueblos, acercar cómo se practica esta pesca en la actualidad y, lo más importante, desde la perspectiva de la realización hecha por un maestro indígena.

Palabras clave: pesca timbó, práctica cultural, educación escolar indígena.

Eneida Kuponodepá, Jussara de Araújo Gonçalves



Introdução

O presente trabalho faz parte do meu projeto de pesquisa no Programa de Pós-graduação em Ensino em Contexto Indígena Intercultural – PPGEICII. A pesca da forma como é praticada trata-se de uma ação tradicional bastante praticada pelo povo Balatiponé /Umutina e especialmente abordada pela escola Indígena Jula Paré.

A pescaria com o timbó está assegurada no Projeto Político Pedagógico como parte do componente curricular da escola de educação indígena Jula Paré. É o papel da mesma revitalizar, valorizar e fortalecer os conhecimentos locais e tradicionais do povo onde está inserido, pois só assim ela se torna diferenciada e específica do povo indígena.

Um dos enfoques da filosofia da escola Jula Paré é que o povo continue lutando pela sobrevivência étnica, social e cultural, assim como criação de alternativas de renda familiar de forma sustentável com aproveitamento dos recursos nela existentes. Essa prática é um conhecimento tradicional milenar de todos os povos indígenas, em especial do povo Balatiponé/Umutina, que sempre foi praticado por nossos pais e avós. Os registros orais da comunidade étnica local nos informam que o povo era composto por bons pescadores e caçadores. É daí que vinha o sustento das famílias, além da agricultura.

Apesar das dificuldades, os relatos revelam que havia muita fartura. Também nos informam que essa pescaria não degrada a natureza, não mata os seres vivos aquáticos, fazendo efeito somente nos peixes que morrem conforme pede o chefe da pescaria. Tendo em vista que ele é o primeiro a entrar na água para bater o timbó, cantando na língua materna e pedindo para que o efeito do mesmo penetre no fundo do lago para matar os peixes conforme ele vai citando os nomes, como também pedindo para que os donos espirituais do rio afaste o espíritos ruim pois este, poderá atrapalhar a pescaria, só após esse ritual que todas as pessoas presente naquele local poderá entra na água para dar continuidade na pescaria.

Nessa perspectiva, este trabalho tem a finalidade de abordar os conhecimentos relacionados a essa prática, esclarecer que a mesma é cultural e específica do povo, visto que, não existem registros escritos por indígenas sobre a pesca com o timbó do povo Balatiponé/Umutina. Há, somente, registros antigos

escritos pelo não indígena Schultz (1953), na qual dizia que a pescaria com muitos índios tornar-se um acontecimento festivo.

De acordo com Karajá (2019, p. 04),

o caminho indígena, para que seja conhecido da forma que é, para que a sociedade em geral conheça de verdade, é o da interculturalidade, em que o autor indígena escreve sobre seu próprio conhecimento, o que faz com que isso facilite a divulgação de informações verdadeiras.

Portanto, existem muitos desses conhecimentos escritos por pessoas não indígenas que não conhecem e não tem um olhar e uma vivência de ritos e valores indígenas sobre a realidade daquele povo que está sendo pesquisado, daí a importância deste trabalho.

Uma vez que a maioria dos povos indígenas pratica essa pesca, em especial o povo da etnia Balatiponé/Umutina, este registro irá contribuir no sentido de esclarecer que esta prática é cultural, e específica deste povo, pois envolve saberes e fazeres culturais que ficaram armazenados na memória dos anciões e transmitidos para seus filhos através da oralidade e que a mesma precisa ser respeitada, registrada e transmitida para disseminação do conhecimento científico indígena.

2. O território Indígena e suas vivências

A Terra Indígena Umutina está localizada na região médio norte do Estado de Mato Grosso, a 15 km do Município de Barra do Bugres. Sua extensão territorial é de 28.120 hectares, sendo a terra circundada por dois grandes rios, que são: o Bugres (Xopó) à direita e o Paraguai (Olaripô) à esquerda, que são muito ricos em variedades de peixes, fontes de alimentação fundamental para o povo Balatiponé/Umutina, além da agricultura e da caça. Já na margem oposta encontram-se muitas fazendas.

O povo Umutina se autodenomina “Balatiponé” que quer dizer povo novo, antigamente era conhecido pelos não indígenas como “barbados” pelo fato de usarem longas barbas, ou seja, deixavam suas barbas compridas. Sua alimentação estava baseada principalmente na agricultura, pesca e caça.

Atualmente a aldeia Umutina conta com uma população de aproximadamente 530 pessoas, a maioria é jovem e crianças. A população que habita nesta terra é composta por 08 etnias sendo elas: Umutina originária do lugar, Bakairi, Bororo, Iranxte, Kayabi, Nambikwara, Pareci e Terena.

O povo Balatiponé/Umutina pratica a agricultura tradicional que consiste no cultivo de roças de toco e uma roça comunitária mecanizada. Também é importante destacar que a escola Jula Pará, juntamente com os estudantes nos últimos quatro anos aproximadamente, também adotaram o cultivo de roça de toco, os produtos que foram plantados serviram para complementar a merenda escolar e o excedente foi distribuído para os próprios estudantes.

A aldeia central possui um formato retangular, na qual as casas são distribuídas uma ao lado da outra. Com o crescimento da população da comunidade, novas aldeias estão sendo construídas, com o objetivo também de ocupar e fiscalizar a terra. A organização do povo é composta de caciques, lideranças, profissionais de saúde, professores, associação e comunidade.

O povo Balatiponé/Umutina tem sua própria cosmologia religiosa e as suas formas de explicar os fenômenos naturais e sobrenaturais. É um povo guerreiro, que apesar de não ter a língua nativa como primeira língua, outros elementos culturais como as pinturas corporais, os artesanatos, as comidas e as bebidas típicas, as danças culturais permanecem sempre vivas no cotidiano das famílias e na escola Jula Pará - assim como suas próprias religiosidades. Para este povo, as matas, os rios, os peixes e os animais tem seus donos espirituais, por isso mantém uma relação de harmonia, respeito e preocupação como a natureza e com o meio.

Todos os ensinamentos sagrados ficaram armazenados na memória de nossos anciões e transmitidos aos filhos através da oralidade e observação: isso é educação tradicional. Na pescaria com o timbó não é diferente, visto que não é uma pescaria qualquer, pois envolve vários saberes culturais sagrados.

Segundo José F. Cupodonepá, liderança da aldeia Masepô “tudo é um ritual, tem seus segredos que devemos seguir”; o respeito com a natureza, com os donos espirituais dos rios e dos peixes dentre outros; para ele “o timbó foi feito exclusivamente para nós indígenas fazermos a pescaria com sucesso e nos alimentar muito bem”.

O timbó “é o nome dado a diversas espécies e gêneros de plantas da família Sapindácea e Leguminosa que ao serem esmagadas e lançadas na água ocasionam a morte dos peixes” (SAITO; LUCCHINI apud LOPES; COSTA; MOL, 2014, p. 144). É uma planta classificada como cipó encontrado em diversas regiões brasileiras, tem aproximadamente 20 metros de comprimento, por ser uma planta trepadeira ela cresce conforme o tamanho das árvores em que ele está atrelado. Considerado venenoso este cipó fornece um líquido que em contato com a água, asfixia e mata os peixes que estão nos córregos ou lagos (TXICÃO apud TAPIRAPÉ, LEÃO, 2017).

Pescaria com o timbó,

é a pesca onde corta-se o cipó em pedaços, faz-se diversos emaranhados e amarra. Esses emaranhados são colocados sobre uma superfície dura e golpeados por diversas pancadas com algum pedaço de madeira, por fim são passados na água, o processo se repete inúmeras vezes. (TXICÃO apud TAPIRAPÉ, LEÃO, 2017, p 158).

Para o povo Balatiponé/Umutina, o cipó é cortado em pedaços para fazer vários feixes que depois são amarrados com imbirá (fibra de madeira fina e comprida de cor amarela) e são levados no local onde irá acontecer a pescaria, esses feixes são golpeados com pedaços de pau diversas vezes na beira do córrego ou lago ou em cima de árvores que ficam dentro do rio, em seguida são mexidos na água para retirar o líquido. Segundo Ademil Calomezoré liderança da aldeia Umutina, esse processo é feito até sair todas as cascas do cipó e os mesmos ficarem bem branquinhos.

Nesta pescaria raramente se usa a canoa, somente se o lago for muito largo, mas na maioria das vezes não é preciso. Crianças, mulheres e homens entram na água para capturar os peixes, visto que os mesmos já estão sobre o efeito do timbó, os instrumentos principais usados nessa pescaria são as artes indígena como :o arco e a flecha que serve para flechar os peixes maiores que ainda não estão mortos, peneira, jacá ou cestos para pegar peixes menores, e a própria mão quando os peixes ja estão mortos, “A pesca tradicional é aquela praticada com instrumentos da tecnologia tradicional indígena”, relato presente no trabalho de Silva (apud TAPIRAPÉ, Leão, 2017, p. 3).

O córrego ou a lagoa é cercado com “tampagem” em dois lados (acima e abaixo) para evitar que os peixes escapem subindo ou descendo, essa tampagem é feito com pedaços de madeiras e com palhas de acuri uma palmeira muito encontrado perto dos córregos e lagos. Quando a pescaria acabar essas tampagens tem de ser desfeita para que a água limpa entra no lago e a água suja saiam e para que os peixes que não morreram saiam do local também.

A pescaria tradicional do povo Balatiponé/Umutina acontece de duas maneiras: pela escola e pela comunidade, e em lugares diferentes, podendo ser na lagoa ou córrego.

Aproximadamente nos anos 2004, a pescaria com o timbó passou a fazer parte do calendário da escola Indígena Jula Pará, quando os próprios professores indígenas Balatiponé/ Umutina passaram a lecionar aulas na referida escola, após o ingresso no curso específico para formação de professores indígenas ofertados pela Unemat/Barra do Bugres.

Segundo a tradição, esta pesca é praticada na época da seca porque é quando os córregos estão mais baixos, principalmente as baías/lagoas, facilitando a pescaria por concentrar os peixes. Assim como a prática do timbó, outros elementos culturais foram praticados com mais frequência na escola Jula Pará, graças ao trabalho em conjunto dos professores, dos gestores, de alguns pais e lideranças e dos estudantes. Na escola Jula Pará já existe o mês certo para realizar esta pescaria, que são os meses de Agosto e Setembro, pois na região em que a escola encontra-se situada, nestes meses ocorrem menos chuvas, ou seja, a seca fica mais evidente.

Conforme está assegurado no calendário escolar, na maioria das vezes acontece no sábado considerado letivo. No período da tarde do mesmo dia, as professoras e as estudantes mulheres ficam na escola para socar o arroz que já estava de molho. Esse processo de socar arroz usando o pilão e o mão de pilão é para retirar fubá para fazer Jolorokwá (bebida tradicional do povo), enquanto os professores juntamente com os estudantes rapazes e alguns dos pais vão para a mata de trator para fazer a retirada do timbó. O cipó timbó será deixado perto do local onde será realizada a pescaria, porque a mesma acontece no dia seguinte pela manhã.

A xixa (jolorokwá) e o beiju (jukuputú feito de massa de mandioca mansa ou brava) são feitos pela merendeira da escola Julá Paré na parte da manhã. Esses alimentos/bebidas típicas são fundamentais nessa pescaria, pois compõem o ritual que só o povo indígena entende e que deve ser respeitado.

Quando esses alimentos já estiverem prontos, são levados para o lugar onde está acontecendo a pescaria. O beiju é repartido para todas as pessoas que estão presentes naquele local e a xixa fica à disposição de todos (para servirem-se à vontade). O beiju é consumido junto com o peixe na hora do almoço, pois quando já está quase dando a hora do almoço, as mulheres saem da água e vão limpar os peixes que pegaram, depois começa a assar, o fogo é feito por alguns homens (esposos) ou pelas próprias mulheres. Após o almoço todos (mulheres, homens e crianças) voltam novamente para água pra pegar mais peixes e lavar para suas casas, pois serão divididos para alguns de seus familiares que por algum motivo não foram na pescaria.

Quando a pescaria acaba, cada pessoas que fizeram o fogo para assar peixes, trata de apagá-las para evitar que o mesmo espalhe pelo mato, esse é o cuidado que todos tem com o meio ambiente e o respeito com o dono espirituais da mata.

Como é uma pescaria coletiva, no dia seguinte pela manhã, estudantes, professores e pais vão para o lugar onde foi deixado o cipó timbó. Cada qual pega parte dos cipós e os cortam em tamanhos médios para fazerem feixes, que depois de prontos são amarrados com corda ou imbira (fibra de madeira fina e comprida de cor amarela).

Os estudantes (meninos) menores vão com seus pais para aprender e ajudar tanto no carregamento dos feixes quanto na batida do cipó/timbó. Assim como flechar os peixes, nessa pescaria a criança indígena aprende desce cedo, observando e praticando.

Infelizmente no ano de 2020 em função da pandemia do covid-19 e para respeitar o isolamento social, não houve a pesca com o timbó na escola Jula Paré. Visto que as aulas foram suspensas assim como em outros lugares, ou seja foi um ano anormal e muito difícil especialmente para os povos indígenas

No passado, as pessoas não divulgavam o dia em que iria fazer a pescaria de timbó. Era decidido um dia antes ou até mesmo na hora, eles acreditavam que os espíritos maus poderia atrapalhar, fazendo chover ou desaparecer os peixes da lagoa e córrego, atualmente na comunidade as pessoas ficam sabendo uma semana antes do acontecimento e pela escola já tem o dia e o mês certo marcado no calendário escolar. As mulheres menstruadas não podiam ir ao local senão os peixes não morreriam ou mesmo que estivessem mortos desapareciam todos da água, algumas delas ainda cumprem outras não, mas também não entram na água para pegar os peixes; não podia fazer barulho, existe um pássaro que para o povo se ele ouvir barulhos, ele xinga e faz os peixes desaparecerem.

Esses relatos me fez lembrar o tempo de criança, do grande giral que meu pai fazia para conservar os peixes que era fruto dessa pescaria, esse giral (feito de varas) ficavam lotados de peixes e debaixo dele grandes brasas acessas para assar e conservar por vários dias.

Atualmente os peixes são conservados nas geladeiras e freezer e como as famílias aumentaram os peixes são consumidos em poucos dias.

Considerações Finais

A prática do timbó pode, muitas vezes, ser vista pelos não indígenas como uma pesca exploratória, podendo ser erroneamente prejudgada inclusive como crime ambiental. Essa visão equivocada precisa ser superada, como também menciona Txicão e Leão (2017). Assim, um registro escrito pelos próprios indígenas contribui no sentido de esclarecer que trata-se de uma prática cultural exercida para sustento próprio e precisa ser respeitada pela população não indígena, visto que os nossos avós sempre realizaram esta prática de forma sustentável. De acordo com Karajá (2019, p.09),

a sociedade não indígena tem muita coisa para aprender com a pesquisa sobre a pesca com o timbó, principalmente com a coletividade, como: respeitar a natureza, explorar de forma sustentável e usufruir das riquezas que a própria natureza oferece sem destruí-la.

Partindo-se da hipótese que se a pescaria com o timbó fosse pesca exploratória e danosa ao meio ambiente aquático, não existiriam mais peixes e vida subaquática onde fosse aplicado o timbó/cipó. Neste sentido, alguns autores defendem que “os indígenas utilizam somente os recursos necessários para a sua manutenção, o que é diferente das ações praticadas pelos não indígenas que considera os recursos naturais como um produto de potencial econômico inesgotável” (BANIWA 2006 apud TXICÃO; LEÃO, 2019, p. 199- 200).

Considero importantíssimo nós, educadores indígenas, além de sermos pesquisadores da própria cultura, também registrar através da escrita, fotos e vídeos esses conhecimentos tradicionais, para que futuramente ele sirva para o fortalecimento da leitura científica tanto para o povo indígena quanto para não indígena.

Referências

KARAJÁ, Daniel B. Pesca coletiva com timbó do povo Karajá. In **Articulando e Construindo Saberes**, 2019.

LOPES, Edinéia T; COSTA, Emmanoel V; MOL, Gerson. S. Educação em Ciências e Ensino de Química: Perspectivas para a pesca com o timbó na voz de alunos de uma Escola Indígena Brasileira. **Itabaiana: Gepiadde**, ano 08, v. 16, p.144 , jui/dez, 2014.

SCHULTZ, Harald. **Vinte e três índios resistem à civilização**. Edições Melhoramento, 1953.

TAPIRAPÉ, Xawapa'io; LEÃO, Marcelo F. A importância da pesca com timbó para o povo indígena *Apyáwa* (Tapirapé) de Mato Grosso. **Destaques acadêmicos**, Lajeado, v.9, n.3, p. 157- 161, 2017.

TXICÃO, Kavisgo; LEÃO, Marcelo F. A pesca coletiva com timbó praticada pelos Ikpeng: ensinamentos dessa relação respeitosa com natureza. **Ambiente & Educação**, v. 24, n.1, p.197-200, 2019.

Recebido: 20/09/2021

Aprovado: 30/11/2021

Publicado: 30/01/2021